

Sobre la traducción, de Paul Ricoeur

Marlova Aseff
UFSC-Capes.

RICOUER, Paul

Sobre la traducción. Tradução e prólogo de Patricia Wilson. Buenos Aires: Paidós, 2005. 75 pp.

O livro, editado em Buenos Aires, é uma tradução para o espanhol do original francês lançado em 2004 pela Bayard. Reúne três conferências do filósofo hermenêutico Paul Ricoeur. Os textos têm, em comum, a constante menção do autor aos trabalhos do teórico e tradutor francês Antoine Berman, principalmente porque a tradução como relação com o estrangeiro é um dos fios condutores da obra.

O primeiro texto, “Desafío y felicidad de la traducción”, é um discurso pronunciado no Instituto Histórico Alemão, em 1997. Nele, Ricoeur parte do título do ensaio *A prova do estrangeiro*, de Berman, mais precisamente do fato de a tradução ser uma *épreuve*, termo que em francês tem o sentido de “pena experimentada” e de “prova”. Para Ricoeur, a tradução traz consigo uma certa aceitação de perda. E a tarefa do tradutor é estar nessa incômoda situação de mediador, que o coloca à prova. Por causa dessa “perda”, o trabalho da tradução, segundo ele, assemelha-se ao “trabalho do luto”, ao “trabalho de recordar” (no sentido usado por Freud em seus ensaios psicanalíticos) e também ao “trabalho de parto”.


A tradução, por um lado, atenta contra a sacralização da chamada língua materna, e há um movimento de repúdio, por parte da língua de chegada, à experiência do estrangeiro. Entre o estrangeiro (representado pela obra, o autor e sua linguagem) e o leitor interpõe-se o tradutor. Segundo Ricoeur, o repúdio da mediação com o estrangeiro e a pretensão de auto-suficiência nutriu numerosos etnocentrismos lingüísticos e pretensões de hegemonia cultural. Isso ocorreu com o

latim, da Antigüidade tardia até o fim da Idade Média; com os franceses, na época clássica; e com os anglo-americanos, hoje em dia.

Resistência, conceito que Ricoeur toma emprestado da psicanálise, é o que o trabalho de tradução e o tradutor encontrariam em vários níveis. Por isso, para alcançar a “felicidade da tradução”, seria necessário abdicar do ideal de tradução perfeita. Ele conclui a conferência afirmando que essa felicidade deve estar na “hospitalidade lingüística”, na qual “o prazer de habitar a língua do outro é compensado pelo prazer de receber na própria casa a palavra do estrangeiro”. Há, aí, outra vez uma menção a uma obra de Berman, cujo título é *La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain* [A tradução e a letra ou o albergue do distante].

O excerto seguinte, “El paradigma de la traducción”, é uma aula inaugural proferida em Paris em 1998, e o terceiro texto, intitulado “Un ‘pasaje’: traducir lo intraducible”, é inédito. Neles, Ricoeur trata, em última instância, da questão da possibilidade e da impossibilidade da tradução. Defende que há duas vias de acesso ao problema colocado pelo ato de traduzir: tomar o termo “tradução” em seu sentido estrito de transferência de uma mensagem verbal de uma língua a outra, ou tomá-lo em sentido amplo, como sinônimo de interpretação de todo conjunto significativo dentro da mesma comunidade lingüística. O primeiro enfoque foi o escolhido por Berman; o segundo, por George Steiner, em *After Babel*.

Ricoeur aborda o debate sobre a diversidade das línguas, as diferenças e as semelhanças possíveis entre elas e a utopia da língua perfeita. Primeiro, diz ele, há a



questão da diferença entre as línguas, em seus aspectos lexicais, fonéticos, sintáticos etc. Além disso, as línguas são diferentes, não apenas pelo fato de recortarem diferentemente o real, mas na maneira de recompô-lo no discurso. As orações são pequenos discursos tirados de discursos maiores, que são os textos. Esses, por sua vez, fazem parte de conjuntos culturais que expressam visões de mundo diferentes; e por aí vão se tornando cada vez mais complexas as relações.

A tradução, no entanto, existe e sempre existiu. Sempre houve viajantes, embaixadores, mercadores, espíões; homens que satisfaziam a necessidade de estender os intercâmbios humanos. Contudo, o estrangeiro sempre foi visto com inquietação, e a tradução foi também sempre uma resposta parcial a essa “experiência do estrangeiro”. Dessa curiosidade pelo estrangeiro é que surge o que Berman chamou, em *A prova do estrangeiro*, de *pulsão* de traduzir. Além de todas as dificuldades, da heterogeneidade dos idiomas, a tradução existe, apesar de ser “uma operação perigosa, sempre em busca de sua teoria”.

A propósito do relato bíblico de Babel, Ricoeur o lê como mito de origem de um projeto ético da tradução: em vez de perceber a diversidade de línguas como símbolo de confusão e de dispersão, como catástrofe lingüística irremediável, podemos entender essa diversidade como a oportunidade de passarmos pela experiência-prova do estrangeiro. Se o fratricídio, o assassinato de Abel por Caim, faz da fraternidade um projeto ético, a Babel lingüística nos chama ao projeto ético da tradução como relação com o “outro”.